

# ENGENHEIRO GOULART ANTIGO

Por Osvaldo Pineda Filho

## UM EXCELENTE BAIRRO DESTRUIDO PELO PROGRESSO

CONSIDERAMOS EXCELENTE O PERÍODO HAVIDO  
ENTRE A CRIAÇÃO DO BAIRRO E O ANO DE 1970

# ALGUMAS PERGUNTAS QUE SURGIRÃO E QUE, ANTECIPANDO, PASSO A RESPONDER:

## PERGUNTA 1

### QUEM É VOCÊ PRA FALAR DE ENG. GOULART ?

Meu nome é Osvaldo Pineda Filho (conhecido pelo apelido Dinho). Fui morador de Engenheiro Goulart por mais de uma vez. Sei que não fui um morador popular nem conhecido por todos os moradores. Quem sabe o mais apaixonado pelo bairro, pois morei nele 3 vezes em 4 endereços diferentes. A primeira na Rua dos Economistas entre 1950 e 1961 (entre meus 03 e 14 anos). Depois disso, mudei-me, por decisão da família, para uma cidade do interior de São Paulo (Taquaritinga) que é a minha cidade natal, bem como era a dos meus pais (lá morei entre meus 14 e 18 anos).

Não deu certo. Voltamos para Engenheiro Goulart, em 1967 e lá moramos até 1975. Primeiro fomos morar na Rua dos Bancários até 1970 (entre meus 19 e 22 anos). Em seguida, mudamos para um apartamento na Praça Engenheiro Goulart (hoje Praça Cajé) entre meus 22 e 29 anos. Em 1976 me casei com uma moça do bairro, a Cecília (filha do Sr. Peixoto e da D. Nazareth, do antigo grupo escolar) e fui morar em São Miguel Paulista. Pela minha paixão pelo bairro e por minha mãe continuar morando em Engenheiro Goulart, nunca deixei de frequentar e me relacionar com as pessoas do bairro naquele período.

Tão logo pude, voltei em 1980. Adquirit uma casa em Engenheiro Goulart (na Rua dos Horticultores) onde, daquela vez, residi até 1982 de onde, por razões profissionais (transferido pela empresa), fui morar no Rio de Janeiro até o final de 1984. Transferido de volta para a capital paulista, voltei em 1985 para morar em Engenheiro Goulart, na Rua dos Horticultores e, novamente, por razões profissionais em 1988, tive que me mudar para Guaratinguetá (interior de São Paulo) e em 2000 fui morar novamente no Rio de Janeiro. De lá voltei em 2010 a morar em Guaratinguetá, onde resido até hoje.

Resumindo, morei em Engenheiro Goulart por três períodos. No total, entre chegadas e partidas, morei 38 anos no bairro, entretanto, mantenho vários contatos com moradores até hoje em função de parentes que ainda residem nele.

Considero-me um morador não muito popular como foi meu finado irmão, o Irany, ou ainda, como foram ou foram os meus primos Reginaldo (filho do Chiquinho), o

Marcilio (filho do Romeu jogador de malha) e do José Henrique, (filho do Renato – ex-corretor de imóveis em Engenheiro Goulart).

## PERGUNTA 2

### PORQUE E PRA QUE ESCREVER SOBRE ENGENHEIRO GOULART ?

No começo deste artigo imaginei que se alguém fizesse esta pergunta eu não saberia responder. Cheguei a admitir que o que me levava a escrever sobre o bairro era apenas uma forte saudade de um tempo que não volta mais.

Porém, na sequencia do trabalho percebi que, existem muitas coisas a ver com Engenheiro Goulart e que, suponho, não somente a mim interessam.

Como exemplos vou falar sobre:

1 – Amizades

2 – Respeito

3 – Segurança

Apesar de ter enumerado apenas três assuntos acima, certamente, eles justificam, engrandecem ou, no mínimo, valorizam muitas outras coisas, como:

(Coisas e fatos acontecidas entre 1950 até 1980)

Um lugar onde ter grana ou não, não separavam as pessoas

Um lugar onde as crianças podiam brincar ao ar livre

Um lugar em que as pessoas tinham tempo para os outros

Um lugar num tempo os assuntos não vinham da tela de um celular

Um lugar num tempo com coisas que nos faziam feliz

## Resumindo:

- A - A vida em Engenheiro Goulart até 1980 oferecia a todos, tudo o acima relatado.
- B – Quem viveu em Engenheiro Goulart antes de 1970, certamente, já conheceu em vida o que é viver no Paraíso.

## AMIZADE

Todos os que viveram em Engenheiro Goulart, antes de 1970, hão de se lembrar de que os itens aqui destacados eram comuns, acessíveis e praticados por todos os moradores, principalmente em relação à amizade.

Para iniciar apresento um fato vivido pela minha família nos primeiros dias de nossa mudança para o Bairro, em 1950, na Rua dos Economistas.

Naquela rua fomos um dos pioneiros nas casas construídas pelo Banco. Havia poucos moradores naquela rua, uma delas, a D. Isabel, no dia em que pra lá mudamos, veio até nós para oferecer sua amizade e água para o caso dela nos faltar. É que ela tinha um poço no seu quintal. Muito simpática!

No dia seguinte, ao anoitecer, recebemos a visita de um morador daquela mesma rua, o Sr. Prudêncio Campos (pai da Janete, do Wilson (o Fominha), do Nelson (o marrom) e do Edson (o bisteca) para nos recepcionar e oferecer amizade e qualquer ajuda que considerássemos necessária. Depois do cafezinho e de um bom papo, onde pudemos conhecer a história dele e da sua família, bem como ele a da nossa família, bem no momento das despedidas, chegavam novas visitas em casa o que nos deixou muito bem impressionados com a vizinhança. Era o Sr. Mario e a D. Isaura (mãe do Flavio - Vicão), para o mesmo oferecido pelo Sr. Prudêncio.

Na semana seguinte, fomos agraciados com a visita do Sr. Alípio (o do grupo escolar) acompanhado das filhas Alice e Mercedes. Visitas essas com a mesma finalidade, a de oferecer amizade. Enfim, por essa receptividade constatamos a boa índole, educação e a boa intenção dos nossos vizinhos. Era inegável que a amizade não era apenas entre as crianças ou adolescentes. A amizade era entre as famílias.

Com isso, aprendemos recepcionar os vizinhos e a praticarmos o mesmo em relação a cada novo morador que chegava no bairro.

Além da amizade, era comum que todos os moradores cultivavam as boas amizades. Apesar de esses fatos terem acontecido há mais de 70 anos, desde a minha primeira mudança para Engenheiro Goulart ainda cultivo amizade com várias pessoas contemporâneas.

## RESPEITO

Como todas as famílias cultivavam amizade entre elas, no mínimo, estava garantida a prática do respeito entre elas. Todos, crianças, jovens e adultos, se conheciam pelos nomes. Isso era coisa de todos para com todos os moradores do bairro.

É claro que havia jovens mais afoitos ou mais agressivos em relação a outras pessoas. Porém, eles e todos os moradores do bairro, por saberem que seus pais eram amigos e parceiros, em muito minimizavam quaisquer desvios de conduta ou desrespeito entre os moradores.

Raramente se ouvia dizer de ter havido algum tipo de desentendimento ou de desrespeito entre os moradores.

As mulheres e os idosos sempre recebiam o amparo de todos contra o desrespeito.

## SEGURANÇA

É claro que a vida naquele tempo era mais calma, mas o que garantia a segurança dos jovens de Goulart eram a união e a amizade entre eles o que permitia que sempre, se mantinham e se deslocavam em grupos.

Até o início dos anos 60, a única escola de Engenheiro Goulart (a República do Uruguai) não oferecia cursos que não o primário. Por isso, era necessário que os

pretendentes a cursos mais avançados se deslocassem até os bairros vizinhos, Ermelino Matarazzo ou Penha, para tanto.

Na Penha, o Estadual era o preferido e objetivado pelos que podiam ou pretendiam estudar no período diurno. Em Ermelino Matarazzo, havia a opção de curso no período noturno.

No Estadual da Penha, as exigências de dedicação dos alunos eram bastante altas. Somente os realmente aplicados faziam sucesso.

Em Ermelino Matarazzo, pela característica dos cursos noturnos (aulas com menor período de aulas) em geral, facilitavam aos alunos no progresso escolar.

Nesse deslocamento necessário, por jovens (rapazes ou moças), mesmo que retornando dos cursos noturnos pelo trem das onze, jamais se teve notícias de algum assédio ou ameaça.

Antes de 1970 não havia iluminação pública para proporcionar uma sensação de maior de segurança. Porém, isso não impedia que os jovens frequentassem cursos noturnos ou saíssem do bairro.

Também era comum ver as crianças brincando nas ruas, a qualquer hora do dia ou após o escurecer. Não havia nenhuma preocupação em relação aos perigos que atualmente existem, inclusive em Eng. Goulart. Nem mesmo havia circulação de autos que pudessem por em risco as pessoas nas ruas.

Naqueles tempos, a força policial do bairro era formada por apenas um soldado, no período comercial. Nunca aconteciam casos em que a atuação policial era acionada. Depois de algum tempo a força policial cresceu 100 % com a inclusão nos quadros, do Sargento Julio. Ambos os policiais eram amigos de todos no bairro.

Importante associar a segurança que todos desfrutavam com o respeito. É que pela amizade o respeito de todos para com todos era notória.

Acrescente-se ao respeito existente o fato de que, como o bairro era pequeno, qualquer individuo que não fosse dali era imediatamente reconhecido e à partir dessa identificação, passava a ser detalhadamente observado pelos moradores.

## O TRIO AMIZADE, RESPEITO E SEGURANÇA

Esses três pilares comportamentais praticados em Engenheiro Goulart na época que abarca esse trabalho, garantia uma vida plena de paz.

Por isso é que os outros itens mencionados como essenciais para ser um bairro excelente, ficavam fáceis de alcançar, tais como:

### TER OU NÃO TER GRANA, POUCO IMPORTAVA

Naquela época, como em qualquer época, as diferenças sociais e econômicas certamente existiam. Porém, pelo tipo de moradores e suas boas índoles, essas diferenças não aconteciam a ponto de se sobreporem sobre as amizades e ao respeito que todos ali buscavam. Afinal, falamos de pessoas que vieram para o bairro para serem donos de suas casas e para cultivar boas relações. Não havia exploradores que se beneficiassem dos seus vizinhos.

No início do bairro, poderemos observar (num capítulo especial sobre a fundação do bairro), qual era o tipo de pessoas que atuaram na formação dele. Ali poderemos perceber que os moradores não buscavam apenas um lugar para morar. Buscavam um lugar para viver.

Naquele capítulo chamaremos a atenção dos leitores (amigos do bairro) para a percepção do motivo pelo qual o final da paz do bairro se inicia por volta de 1970 e se vai se agravando a ponto de afirmarmos que a paz teria acabado totalmente à partir de 1980.

### AS CRIANÇAS PODIAM BRINCAR SEM ESTAREM TRANCADAS

As ruas não eram asfaltadas, não existiam calçadas nem iluminação pública, por isso mesmo, era liberado um infinito espaço ao ar livre para a alegria das crianças.

Não havia tráfego de veículos dada a simplicidade em que viviam as pessoas naquele tempo. No período onde os meninos brincavam de bolinhas de gude, os boxes (buraquinhos) feitos no meio das ruas para o percurso do jogo, permaneciam

ali por vários dias a disposição. Ninguém estragava. Durante todo tempo em que a fase era a de jogar taco, as casinhas feitas com galhinhos de plantas ficavam por vários dias jogados no canto das ruas aguardando para serem aproveitadas no dia seguinte, As pedras ou tijolos (para a marcação das traves) colocadas na rua para marcar os gols para as peladas de futebol, ninguém precisava mexer. Enfim, as ruas eram das crianças.

A segurança total garantia e dava a tranquilidade para que os pais não se preocupassem com as crianças brincando fora de casa.

Enquanto, atualmente, as crianças ficam reféns da TV e da Internet, naquele tempo, em Engenheiro Goulart, elas podiam, realmente, ter uma infância.

É claro que a Internet é uma coisa maravilhosa para a ciência e para evolução tecnológica do mundo. Porém, não se pode negar que as crianças precisam ter uma coisa chamada de Infância.

As crianças de Engenheiro Goulart, durante a fase que englobamos nesse trabalho, sem duvidas, tiveram infância.

Só a titulo de informação, inexistem comparações que se possa fazer entre as atividades atuais das crianças que hoje somente teclam os aparelhos celulares, tablets ou computadores com aquelas atividades que se tinha naquele período abarcado por este trabalho.

Ainda que pareçam coisas de outro mundo, as crianças de Engenheiro Goulart brincavam com Bolinhas de Gude, Pião, Taco, Malha, Balão, Pipa, Mãe da Rua, Mãe da Lata, Pega-Pega, Palha ou Chumbo, Esconde-esconde, Mão na Mula, Futebol (com informações adicionais à frente), Passeios de Bike, Carrinhos de Rolimãs, Jogo de Bafo com Figurinhas, etc, etc.

## AS PESSOAS DISPUNHAM DE TEMPO PARA OS OUTROS

Todas as pessoas tinham alguma ocupação. Todos cabiam no mercado de trabalho. Em Engenheiro Goulart, era muito comum, nos casos de desemprego de alguém, algum vizinho (amigo) interceder nos seus locais de trabalho por empregos ao amigo desempregado. Por isso, era muito comum terem grupos de moradores de Engenheiro Goulart trabalhando numa mesma empresa.

A título de exemplo de solidariedade e empatia, destacamos que todos sabiam dos grupos que trabalhavam numa mesma empresa, motivados por indicação dos amigos. No Banco Nacional do Comércio, vários amigos lá trabalhavam por intercessão do Sidney (do Sapó), na USMC vários amigos lá trabalhavam por intercessão do Sr. Afrânio (marido da D. Neuza), numa grande Gráfica e Copiadora vários amigos trabalhavam por intercessão do Wilson (Fominha irmão do Marrom). Havia através de mesmo mecanismo, os grupos trabalhando na CISPER e na NITROQUIMICA.

Enfim, todos eram amigos e todos se gostavam. O que prevalecia era a solidariedade e a empatia. Nos casos de infortúnios de alguém os outros se preocupavam e ajudar.

Também, é muito comum até hoje, se verificar a existência de várias novas famílias formadas por casais de moradores do bairro.

## NADA DE REDES SOCIAIS OU INFLUENCIADORES

É claro que muitas coisas boas que aconteciam em Engenheiro Goulart estavam associadas a uma época em que as pessoas podiam ser mais felizes. Porém, em Engenheiro Goulart as coisas aconteciam de maneira visível para todos e de maneira natural. Os ídolos não influenciavam ninguém. A vida era própria de cada um.

## SE TUDO ERA TÃO BOM, QUANDO E PORQUE TUDO ACABOU ?

Como antes citamos a derrocada do bairro se iniciou em 1970 e, todos os seus motivos, vão ficar muito claro no capítulo mais à frente sobre a fundação (os primórdios) do bairro e a derrocada total a partir de 1980.

Na fixação do período em que estabelecemos para salientar as maravilhosas qualidades do bairro Engenheiro Goulart, mostramos a existência de três pilares a seguir, a Amizade, o Respeito e a Segurança. Atualmente inexistentes.

Pois bem, se os pilares Amizade, Respeito e a Segurança foram fundamentais para sustentaram as qualidades do bairro, a falta deles, ou a derrubada deles teriam sido as responsáveis pela derrocada das qualidades do mesmo.

Como assim? Perguntarão algumas pessoas! Quem falou isso?

Bem, não precisamos nem vamos discutir. Vamos juntos analisar:

Será que foram os moradores antigos que mudaram seus comportamentos? Será que, de repente, os antigos moradores decidiram não mais serem amigos dos outros?

Será que os antigos moradores, de repente, decidiram serem agressivos com os outros, ou até mesmo contratar capangas para atacar os outros?

Será que juntaram seus familiares para decidirem cortar definitivamente relação com os vizinhos, ignorar o passado e até mesmo querer que todos se explodissem?

Certamente que não!

O que aconteceu é bem simples de entender. Basta que observemos o que mudou entre a fundação do bairro e o ano de 1970.

Nos capítulos a seguir vamos aprender como tudo se formou em Engenheiro Goulart e em seguida poder comparar com os fatos e causas a partir de 1970, culminando com a derrocada das qualidades do bairro.

## COMO TUDO COMEÇOU

Nos idos anos de 30, A Estrada de Ferro Central do Brasil construiu uma linha férrea que liga (até hoje) São Paulo ao Rio de Janeiro. Obedecia a lógica da menor distância entre dois pontos, portanto quanto mais reta melhor.

Entretanto, por razões econômicas e para atender uma indústria de propriedade de uma família mega-investidora da época (a Família Matarazzo), a estrada de ferro aceitou construir uma linha variante em relação à linha principal, Até então, a indústria citada utilizava-se do transporte rodoviário já que estava instalada há poucos quilômetros da estrada velha Rio-São Paulo (atual estrada de São Miguel).

A linha Variante, bem conhecida dos que se utilizavam dos trens como transporte, foi construída para atender a uma das indústrias da tal família e, obviamente, para desenvolver a região. Falamos da indústria que atualmente está anexada à estação de Ermelino Matarazzo.

A mencionada linha variante da estrada de ferro passaria por entre algumas chácaras visando atender a indústria citada (Matarazzo), bem como, a outra indústria, na época projetada, a CISPÉR. As estações teriam também, como finalidade a criação de bairros classificados como sendo cidades suburbanas copiando o que já era comum nos países Europeus e nos Estados Unidos.

Lembramos a todos que existia, além da linha variante, a linha Tronco.

## Inauguração da Estação Engenheiro Goulart:

Consta que a estação Engenheiro Goulart foi inaugurada precisamente, no dia 1º de Janeiro do ano de 1934.

Consta também que os antigos trabalhadores da estrada de Ferro, especificamente os que construíram as estações mais próximas da de Engenheiro Goulart decidiram instalar-se no novo bairro para trabalhar para os chacareiros que ali existiam, ou por sonhar com a oportunidade de trabalhar numa grande indústria (à construir) ou ainda, alguns deles, sonhando em se estabelecer num novo local. Falava-se também, na época, que havia um projeto de um Banco de Investimento Imobiliário para Engenheiro Goulart que seriam construídas casas populares em breve.

Diante disso, um chacareiro proprietário de terras próxima à linha férrea e da estação Engenheiro Goulart, o Sr. Estanislau de Camargo Seabra, em função dos anunciados projetos, decidiu lotear parte de sua chacara e vender os lotes para aqueles trabalhadores interessados em fixar morada por ali.

Aproveitou-se do recuo do terreno utilizado pela Estrada de Ferro (deixado para a moradia do Chefe da Estação de Engenheiro Goulart e para guardar peças e materiais usados) para criar a Rua Principal (também conhecida na época como Rua 15) de uma nova vila (nossa bastante conhecida como Vila Silvia).

Sugerimos visualizar, a seguir, o mapa de arruamento (rudimentar) e consequente loteamento feito pelo Sr. Seabra, o qual seria acoplado ao loteamento oficial de Engenheiro Goulart, num futuro próximo, daquela época.

VILA SILVIA

ARRUJAMENTO E LOTEAMENTO

01 Rua Principal

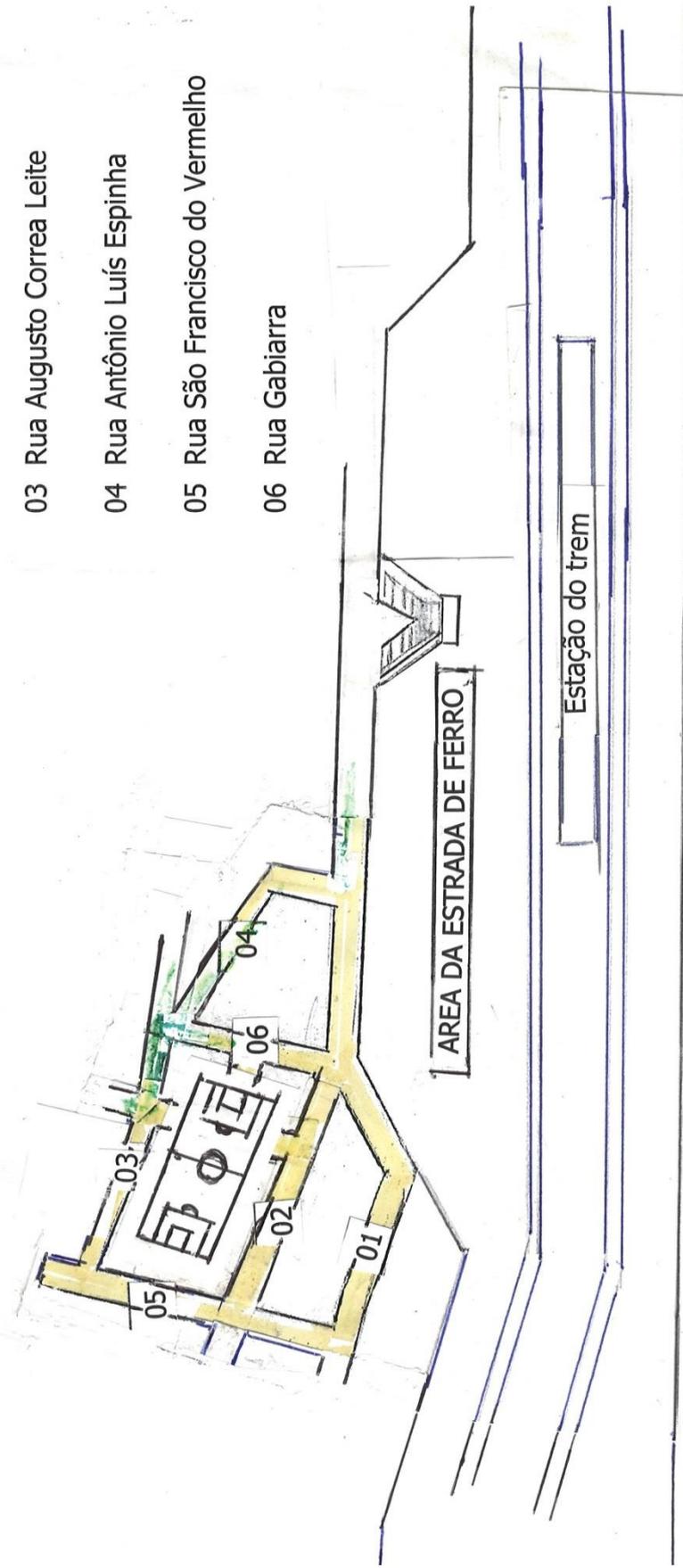
02 Av Galera

03 Rua Augusto Correa Leite

04 Rua Antônio Luís Espinha

05 Rua São Francisco do Vermelho

06 Rua Gabiarra



## A VILA SILVIA

Basicamente, pode-se observar que o mencionado arruamento da Vila Silvia contemplava o espaço entre as atuais Ruas São Francisco do Vermelho e Antônio Luis Espinha, na visão horizontal e, na visão vertical entre a Rua Augusto Simões Lopes e a Rua Principal (atualmente a continuação da Av. Assis Ribeiro. Contava, também esse arruamento com as atuais Ruas Galera e a Gabiarra.

### Observação:

Mais sobre a Vila Silvia, sugerimos e recomendamos que acessem (no Google) um artigo publicado pelo Nelson Barboza Leite (filho do Sr. Leopoldo) sob o nome de "Lembranças Inesquecíveis de Engenheiro Goulart".

Apesar de o ênfase do trabalho do Nelson ser quase que totalmente relativo à fatos e pessoas da Vila Silvia, certamente será importante rememorar fatos e pessoas conhecidas sobre o mesmo período que este nosso trabalho pretende abarcar.

### VILA SILVIA – PRECURSORA DO BAIRRO ENGENHEIRO GOULART

Para que não fiquem coisas vagas e sem conhecimento de todos, é importante salientar que a Vila Silvia não era uma comunidade dentro de um bairro chamado Engenheiro Goulart. É exatamente o contrário. A Vila Silvia foi criada antes do arruamento e do loteamento do espaço que sempre conhecemos como sendo Engenheiro Goulart.

Portanto, o bairro Engenheiro Goulart, realmente, é o desenvolvimento de uma comunidade chamada Vila Silvia.

# A CRIAÇÃO DE ENGENHEIRO GOULART

## ARRUAMENTO, LOTEAMENTO O POVOAMENTO

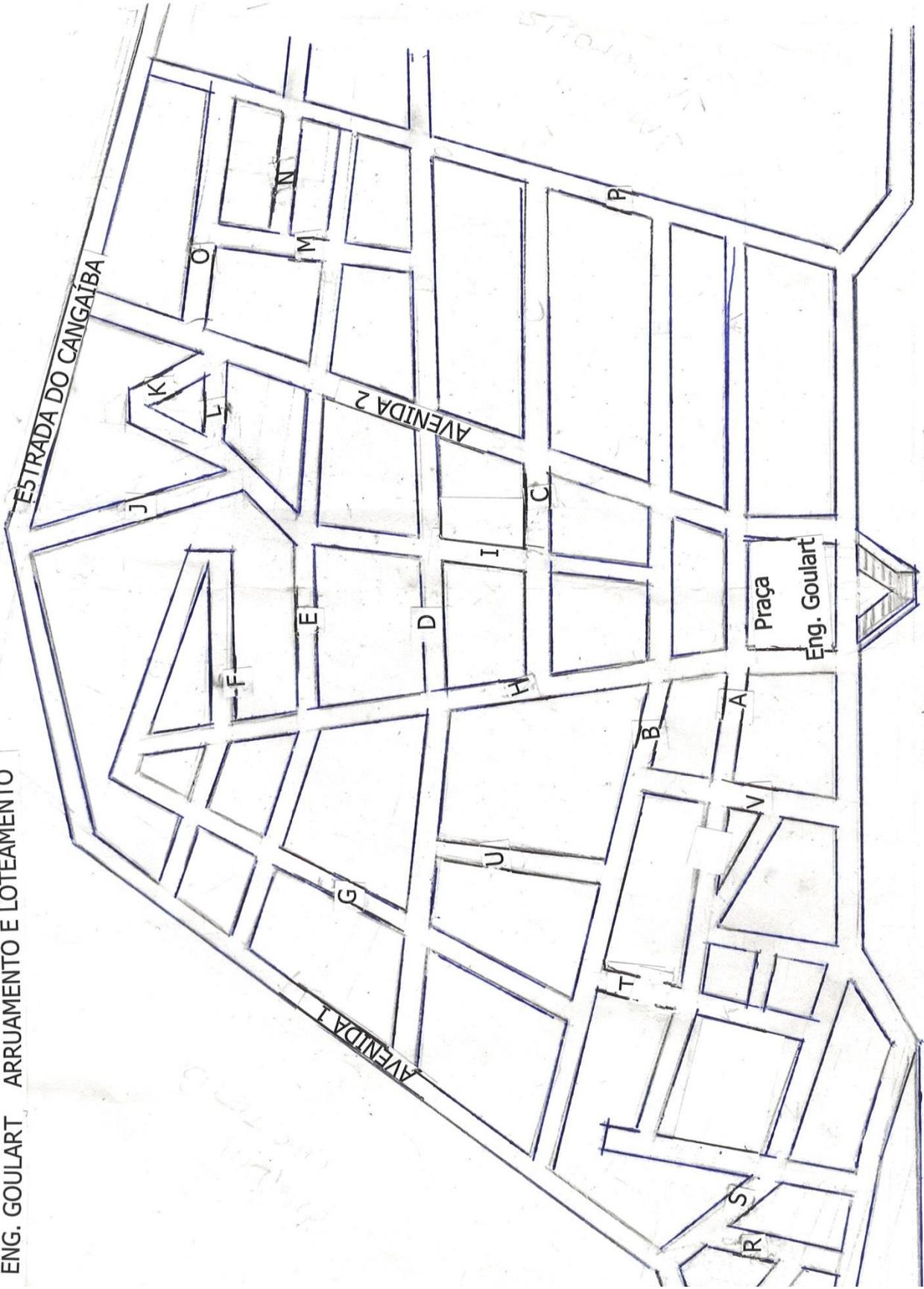
O anunciado investimento imobiliário antes mencionado, trouxe atraentes novidades, para a época. O Banco de Investimentos primeiro adquiriu todas as chácaras locais próximas a estação de Engenheiro Goulart para a formação do bairro (exceto o que já vimos como sendo a Vila Silvia. Depois, loteou e ofereceu terrenos vazios, bem como, casas prontas. Naquela época o Banco construiu 60 casas, ditas populares, em terrenos de 10 x 30 m, totalmente isoladas umas das outras e bastante confortáveis, para a época. Tudo isso com um valor de entrada facilitada e com um financiamento em 10 ou 15 anos, cujas parcelas eram em valores fixos e se pareciam com os valores de um aluguel praticados na época.

As casas contemplavam pessoas até então sem casa própria. Não se tratava de exploração imobiliária. Não se tratava de aquisições com a finalidade de locação nem para revenda. Os novos moradores pensavam em fixar moradia no local. O mesmo valia para os adquirentes de lotes que tencionavam construir suas casas.

As casas eram de muito bom padrão para a época. Todas as casas tinham face Norte, em terrenos em alicerce com instalação de Energia Elétrica e Água Encanada. Tinham como dependências 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha e 1 banheiro, um bom recuo frontal e, nos fundos, um bom quintal.

Sugerimos que visualizem a seguir, um mapa do loteamento, sem escala e sem curvas de nível (pois isso seria impossível retratar numa folha de papel). Lembramos que as Ruas foram nomeadas pelas letras do alfabeto, a maioria delas (as mais centrais) com o nome de profissões que se iniciam com as letras do alfabeto, utilizadas.

ENG. GOULART ARRUAAMENTO E LOTEAMENTO



ÁREA DA ESTRADA DE FERRO

A seguir, listamos as ruas como eram chamadas e como são conhecidas hoje:

Rua A – Rua dos Artífices. Atualmente, parte continua como Rua dos Artífices (hoje) e parte continua com o nome de Rua Augusto Simões Lopes,

Rua B – Rua dos Bancários, atualmente Rua Antônio Roberto de Almeida

Rua C – Rua dos Comerciantes, atualmente Rua José Joaquim da Luz

Rua D – Rua dos Desenhistas, atualmente Rua Augusto Correa Leite

Rua E – Rua dos Economistas, atualmente Rua dos Economistas.

Rua F – Rua dos Farmacêuticos, atualmente Rua Dr. Alfredo Frances

Rua G – Rua dos Geógrafos, atualmente Rua Luis Antonio de Oliveira

Rua H – Rua dos Horticultores, atualmente Rua dos Horticultores

Rua I – Rua dos Industriários, atualmente Rua Goma de Olibano

Rua J – Rua J, atualmente Rua J

Rua K – Rua K, atualmente Rua K

Rua L – Rua L, atualmente Rua L

Rua M – Rua M, atualmente Rua M

Rua N – Rua N, atualmente Rua N

Rua O – Rua O, atualmente Rua O

Rua P – Rua dos Professores, atualmente Rua dos Professores

Rua Q – Rua Q – atualmente Rua Barcarena

Rua R – Rua R, atualmente e a Rua Alto do Pageú

Rua S – Rua S, atualmente é a expansão da antiga Rua Galera

Rua T – Rua T, atualmente Rua Martins dos Santos

Rua U – Rua U, atualmente Rua Monsenhor Anacleto Coutinho

Rua V – Rua V, atualmente Rua Humberto Marques

Avenida 1 – atualmente Avenida Rubens Fraga de Toledo

Avenida 2 – Av. Central, atualmente Avenida Alfredo Ribeiro Arruda

# INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DO BAIRRO

Diante da facilidade para a aquisição dos imóveis construídos pelo banco, somada a rapidez com que os trens transportavam seus passageiros desde o novo bairro até a estação Presidente Roosevelt (em menos de meia hora) e a tranquilidade observada foram os principais incentivos para o povoamento desse bairro que, originariamente, se chamaria Cidade Suburbana de Engenheiro Goulart.

Para a complementação e curiosidade sobre o nome das estações e seus bairros, informamos que cada uma das estações construídas ao longo da via Férrea fazia uma homenagem aos engenheiros e demais colaboradores que faleceram durante a construção das mesmas.

Considerando que Engenheiro Goulart não era passagem para outros bairros (até o início dos anos 70), ou seja, o bairro era o fim da linha de outros modais de transporte que não os trens, Não havia linhas de ônibus que atendiam ao bairro, portanto, ninguém além dos seus moradores, o frequentavam. Os passageiros dos trens que por ali passavam, ao parar na estação, tinham como visual do bairro somente um talude de aproximados 6 metros de altura (o da escadaria da estação). Ou seja, ficavam com a impressão que nem moradores havia no bairro. Como não havia iluminação das vias públicas, à noite nada se enxergava do bairro.

Por conta disso, nem de dia nem de noite, os passageiros que por ali passavam não podiam enxergar nada de atraente no bairro. Portanto, sem o visual, as pessoas estranhas ao bairro não se interessavam em conhecê-lo.

Com isso, os moradores tinham a exclusividade de transito e na convivência nas ruas. As amizades eram cada vez mais fortes, visível e possível. A união entre os moradores só se fortalecia, a cada dia. Tanto é que até hoje se observa a existência de várias famílias que foram constituídas a partir da união entre os jovens moradores locais. Os jovens do bairro se conheciam, desenvolviam amizade, namoravam e se casavam entre eles.

As principais dificuldades oferecidas no bairro, no início, eram as opções de comércio e a condução para outros bairros ou para o centro da capital, o que

limitava o deslocamento, que ficava somente por conta dos trens. Também se observava uma deficiência no comércio.

O Sr. Vergílio, um Português que tinha uma chácara entre Engenheiro Goulart e a fábrica da Cisper (local denominado como Vila Nova) que com a sua charrete, fornecia o leite para a população. Tinha o Sr. Armando, morador da Penha, com a sua carroça/caçamba fornecia o Pão, O Sr. Hélio, também morador da Penha, com a sua carroça, fornecia as frutas e leguminosas. Os cereais, normalmente eram comprados ou na Penha (na Casa Barros ou na casa Rossi) ou ainda na Vila, num armazém dos Arrudas.

## PONTOS DE COMÉRCIO E OFERTA DE SERVIÇOS

### NO BAIRRO

O primeiro armazém para atendimento do bairro (instalado na Vila Silvia) chegou em 1947 e era de propriedade dos primos Zeca e Agostinho Arruda. Não demorou muito até que o Sr. Francisco / D. Valeria abrisse um armazém na Praça. Na mesma época, o Sr. Nicolau abriu um armazém na Rua dos Bancários, o Sr. Adalberto abriu um açougue, na praça. O português Sr. Amílcar abriu uma quitanda e o Sr. Pignata abriu a primeira farmácia. E por aí foi-se criando a autossuficiência de suprimentos no bairro. A primeira padaria do bairro foi inaugurada no ano de 1954, pelos irmãos Francisco A. Lopes e Serafim A. Lopes junto com o cunhado Ernesto Augusto Pinto. A partir de 1965 a Padaria fica com Sr. Ernesto até a presente data 1922 (hoje sob os cuidados de seus filhos). Em 1960, o Sr. Serafim abre um Bar e um armazém com os seus filhos Ernesto, Chico e Guilherme existente até hoje, na Rua dos Bancários esquina com Avenida Alfredo Ribeiro de Castro.

Mais a frente o Sr. Remídio / D. Ana abriram um armazém nos altos do bairro.

Alguns antigos moradores pioneiros do  
bairro moradores em casas não construídas pelo Banco

Iniciamos com a família do Sr. Pimenta, o chefe da Estação (na época) pai da Iracema, Gemima, Sarah, Salomão e do Isac), Sr. Prudêncio Campos, pedreiro, (pai do Wilson, Nelson, Janete e Edson) Sr. Mario chacareiro (pai do Vicão), Juquita (ex-funcionário do Banco, depois casado com a Janete filha do Sr. Prudencio) O Chiquinho, funcionário do Banco CNI e depois do Bradesco (pai do Reginaldo, da Suzana e da Sonia), o Sr Nunes (pai do Mané, do Antônio Nunes, da Clara e da Lourdes) Sr Afonso (pai do Alcides, Selma e Amaral) Sr Santos pai do Dico, do Catuta do Alencar e da Marlene depois casada com o Mané filho do Sr. João dos Cavalos, o Sr. Djalma (o que cuidava, junto com o Albino da água no bairro) pai do Bene, Mané, Jorge e Antonia), Srs. Martins (dois irmãos) um deles casado com a D. Carmen tinha os filhos Diva, Clara e o Mauricio, o outro, casado com a D. Irma, tinham os filhos Chiquinho/ Nelson/ Jacinto, Maria e Osvaldo, a Família dos Pinedas, Sr. Francisco e D. Quintina, com os filhos Samuel casado com D. Ercilia tinham os filhos Claudio, Sergio e Alessandra, O Sr. Renato Assis casado com a D. Aladia Pineda tinham os filhos Frederico, Zé Henrique e Flavio. O Sr. Adalberto casado com a D. Olga pais do Álvaro e da Lucia, A família do Maurão e do Luizão, A família Oliveira do Ronaldo, do Nivão, do Cesar e do Gilberto, a família ndo Sr. Romeu de Oliveira, pai do Marcilio e da Terezinha, do Sr Padia (pai do Fernando, Marilene, Angela) do Sr. Galo (pai do Edgar, Mingo), Sr. Alipio do Grupo (pai Alice e da Mercedes) Sr. Alberto barbeiro (Pai do Pedrinho e da Irene), Sr. Maretti, (marido da D, Tereza enfermeira, pai no Ze Roberto, da Lucia e da Ana), família de espanhóis com as filhas Maria Soledade e Encarnacion (Nena), Sr. Lopes Barberis, pai do Orlando e da Benildes, Sr Lauro diretor do grupo escolar (pai do Laurinho, do Rui, do Amauri, da Rosana e da Eliane), Sr. Nicolau (pai do Mauro mudinho, da Nilza, do Antonio, e do Zé), Sr Afranio marido da D. Neuza, Sr. Silvio, cicleteiro, marido da D. Zuleika, Sr. Baltazar (baleiro) pai do Antonio Carlos, Sr. Jair, o Cobra, os irmãos Jonas, Paulão e Rute, Sr, Nardo, pai do Ninho da Elizabete e da Bernadete, Sr. Medeiros pai do Djalma, Sr. Peixoto casado com D. Nazareth pais da Cecilia, Zé Francisco, Belinha, Cidinha e Toninho, D. Rose (professora), Sr. Romeu Zulato e família, Sr. Cidinho e família, Sr. Nelson e familia, Sr. Elias marido da D. Eulalia e pai da Leila, Sra. Vera Pineda e as filhas Kezia e Keila, Sr. Antonio Rocha, a família dos portugueses do bar (na Assis Ribeiro próximo à Praça) com as filhas Maria José e da Maria Emília, Sr. Faria com os filhos Teobaldo e Virginia entre outros.

Citamos agora alguns moradores da Vila Silvia não citados pelo Nelson no trabalho "lembranças inesquecíveis de Engenheiro Goulart", a Família Polato (Alberto, Nair e Waldemar) a família do Sr. Solera (sogro do Heitor) pai da Salete, da Arlete, do Mauro e da Gloria, Sr. Norila (pai do Heitor e da Herna), o Sr. Raimundo pai da

Romilda, do Renato, da Ester, da Bete, da Vera, da Marluce e da Vasti (antigos moradores do castelo) entre outros.

Alguns pioneiros no bairro,  
moradores em casas construídas pelo Banco

Av, Assis Ribeiro : Sr. Agostinho Arruda pai da Nilce, Zilda e Lenita.

Rua dos Artífices, Sr. João dos Cavalos, pai do Mane, do Gervazio, do Mario, Do Espanhol (baixinho de chapéu), pai do Guido, e do Vanderley, família do Nelson Gordela, etc

Rua bancários no lado direito subindo a Av. Central, a família do Pina,

No meio da bancários (lado esquerdo subindo a Rua dos Horticultores), pai do Ervão, Sr. Almeida (pai da Annette) Sr Moreira, Sr. Alvaro, Sr. Olivieri, Sr. Fernando pai do Robertinho e do Nenê.

no final da Bancários – Sr. Cabral, pai do Cata e da Neuzinha, Sr. Cabralzinho pai do Bacurau, da Marise e do Eduardo, Sr. Ivo, Claudio, Neno (dos balões), Noemia, Mirtinho (Newton), Sr. Serrano e D. Dalta pais do Marcial e do Devair;

Rua Desenhistas – lado direito da Rua dos Horticultores, subindo – Sr. Oscar, Dr. Edmundo, a família Bellato do Zoroastro, do José Maria e da Maria.

Meio da Desenhistas – a esquerda da Horticultores, Lucili - Taisa, Antonio Carlos, Joao Carlos - Marines, Valderez, Feliciano, Demostenes, Vitor, etc,

No final da Desenhistas: Sr. Djalma, marido da D. Caçula pais do Celso, do Sergio e do Djalminha,

Rua dos Economistas, lado direito subindo a Rua dos Horticultores - Dona Isabel, Sr, Laerte, pai da Mara e da Sueli, Sr. Fernandes pai do Celso e do Clovis, Sr. Juliano pai da Maria Luiza gordinha, Sr. Ferri, pai do Alexandre Fininho, Diva, Carlito, Josina (Nenê) e Sandra, Sr. Alfredo, pai do Alfredinho e da Arlete, Sr. Pineda, pai do Irany, da Vera e do Dinho, Sr. Antonio, pai da Marcia e da Maria Cecilia, D. Ilíria, Sr. Arthur Baurich e D. Maria pais da M. Luiza e da Vera Lucia, Jacareí pai da Mariazinha, Maravilha, Rosa e João.

## Destaques / Personalidades de Engenheiro Goulart Antigo

Mesmo considerando que todos os moradores pioneiros do bairro eram pessoas idôneas, cabe-nos destacar alguns moradores que, em especial, além da idoneidade, obtiveram o respeito e a consideração de todos os outros moradores do bairro porque realmente se esforçaram para que o bairro se desenvolvesse:

Medeirão.

Iniciamos destacando o Sr. Francisco Medeiros. Conhecido por todos como Medeirão porque, realmente, tratava-se de um Grande Homem Grande.

Com sua grande estatura e com um vozeirão inconfundível, o Medeirão chegou ao bairro no ano de 1949, oriundo de Corumbá no Mato Grosso. Inicialmente assumiu a atividade, hoje inexistente, de Sub-Delegado de Polícia do bairro.

Além disso, ele era um empresário do ramo da construção civil (fabricava ladrilhos de cimento na Penha) e, em Engenheiro Goulart, construiu além de sua moradia uma sala de projeção de filmes (cinema) que depois de algum tempo de exploração ampliou suas atividades com a oferta de bailes, naquele salão.

Em 1958 liderou o lançamento da pedra fundamental para a construção da Paroquia de Santo Onofre. Contou com o apoio e a confiança dos católicos do bairro, em especial dos portugueses Sr. Francisco, Sr. Serafim e Sr. Ernesto além do Zéca Arruda, do depósito, arrecadando, através de um "Livro de Ouro" contribuições para o início das obras da Paroquia de Santo Onofre. Durante o tempo da construção, várias famílias católicas, com suas barracas nas quermesses, arrecadaram os recursos necessários para a conclusão das obras.

Sr. Oscar de Oliveira.

Era um alto funcionário da CNI, empresa investidora em habitação, que construiu as casas financiadas em Engenheiro Goulart. Pelo fato de ser a pessoa responsável pelas obras das casas e pelo atendimento / corretagem e venda das que chamamos do "Casas do Banco", ele residiu no bairro até que todas as casas tivessem sido

vendidas (aproximadamente até 1958). Mesmo ocupando um alto cargo na CNI, ele era uma pessoa simples e muito educada que atendia a todos, claro que principalmente aos adquirentes das casas. Tudo o que se referisse ao financiamento e na facilitação dos pagamentos. Ou seja, sempre que algum adquirente tivesse qualquer dificuldade no pagamento do financiamento do seu imóvel era ele quem sempre auxiliava nas negociações, no parcelamento e nas demais soluções necessárias junto a CNI. Em 1958, a CNI foi encampada pelo Bradesco, momento que ele deixou de ser o responsável pelos contatos com o bairro.

Sr. Chiquinho.

Certamente foi um homem mais conhecido e popular do bairro. Conhecia a todos e era conhecido por todos. Era uma pessoa simpática e de fácil relacionamento. Além de, no início, ter sido o corretor das casas do banco, atuava em outras atividades, juntamente com o Sr. Oscar, nos trabalhos de manutenção das vias públicas e na distribuição de água no bairro. Em 1958 o Bradesco encampou a CNI e o Sr. Oscar mudou-se do bairro o Chiquinho passou a ser o representante do Bradesco no bairro. Trabalhavam com o Sr. Chiquinho na manutenção das ruas e da Água os Srs. Djalma e Albino, também muito conhecidos de todos.

Sr. Olivieri.

O Sr. Olivieri, antigo morador da Rua dos Bancários esquina com a Rua dos Geógrafos, era um ativo participante da Sociedade Amigos de Engenheiro Goulart. Juntamente com sua esposa Helena e suas filhas (Geny, Maria Rosa e Tania) sempre foi muito atuante nos assuntos que se referiam ao desenvolvimento do bairro. Era muito bem relacionado politicamente e sua atuação foi essencial na implantação do primeiro Grupo Escolar do bairro (Grupo Escolar de Engenheiro Goulart), no fim dos anos 40 em um prédio de madeira. Depois conseguiu que o governo estadual construísse um prédio moderno apropriado e em alvenaria para substituir a velha escola, inaugurado no início de 1956. Foi decisivo na implantação do Parque Infantil da Prefeitura, além de muito contribuir para a implantação da linha de ônibus para o bairro.

Em 1960, cedeu espaço em sua residência para que sua esposa Helena trouxesse para o bairro uma agência dos Correios. A D. Helena foi a primeira agente postal dos correios no bairro). Lamentavelmente, em 1964, com o falecimento da D. Helena os serviços postais do bairro tiveram que ser transferidos para a responsabilidade da Sra. Jamile, na Vila Silvia.

## COISAS E EVENTOS QUE SE PERDERAM COM O TEMPO

1 - Existia uma grande propriedade, com lago exclusivo, bem no limite leste do bairro, conhecido com Castelo, de propriedade da família Arantes.

No alto do grande terreno desse Castelo (bem próximo da Estrada do Cangaíba), haviam grande pedras (local conhecido como Pedreira) onde também, existia uma mina de água que alimentava um riacho e a Lagoa do Castelo. Passeios ao local eram frequentes entre os moradores da época.

2 - Em 1954 foi inaugurada uma padaria (na Av. Central) do Sr. Francisco, de seu irmão Sr. Serafim e de seu cunhado do Sr. Ernesto.

3 - Cruzeirinho – No cruzamento das ruas Industriários e Economistas, no fim dos anos 40 foi construída, pela CNI uma capela, à céu aberto, que era denominada como Cruzeirinho. Mesmo sem ter havido uma sequencia de regular de cultos religiosos acabou sendo derrubada com a invasão de moradores sem-teto.

4 – Lagoa Suja - Se continuássemos uma caminhada através da continuação da Rua dos Industriários, por entre um espaço livre e a vegetação, na direção a uma subida que alcançaria a Estrada do Cangaíba, encontraríamos, no lado esquerdo, uma pequena lagoa de agua bem barrenta e suja onde as crianças, escondidas dos seus pais, se refrescavam nos dias quentes de verão.

5 - Córrego da Rua dos Industriários – havia uma mina de agua próxima da esquina das Ruas Desenhistas e dos Industriários que alimentava um córrego, à céu aberto, onde a água represada servia de laser das crianças nos dias quentes.

6 - Varzea: Todo espaço abaixo da linha do trem era conhecido e denominado pelas pessoas do bairro como sendo a Varzea. Naquele espaço existiam muitas lagoas, chácaras e alguns portos de Areia, o do Ribeiro e os da família Lajeanne. Logo abaixo da linha do trem, na direção da Estação ferroviária, havia um campo de futebol do time conhecido como Corinthinha de Engenheiro Goulart. No lado direito desse campo ficava o Poço Artesiano que alimentava de água o bairro. As suas bombas levavam a água extraída para um reservatório no final da Rua dos Horticultores para que, de lá, fosse distribuída para todas as casas do bairro.

Como curiosidade, existia planta comum nessa área da várzea que produzia um tipo de fruto chamado de "Banana do Brejo". Na parte superficial dessa "fruta" tinha grãos doce, porém na camada inferior aos grãos, quando acessada pela boca, produzia no guloso feridas do tipo queimaduras.

7 - Futebol; como ainda hoje se diz que o futebol é o esporte mais popular e apreciado no mundo todo, isso não era diferente em Engenheiro Goulart. Para avivar a memória dos antigos moradores do bairro, citamos a existência de vários campos de futebol, alguns aqui considerados oficiais e outros não. A saber:

7A - O Campo do Corinthinha – Ficava abaixo da linha do trem. Suas medidas eram próximas a de um campo oficial. Ao lado do campo existia um barracão destinado ao vestiário. O clube não tinha uma sede fixa. De quando em vez, organizava e realizava alguns bailes para os familiares dos aficionados pelo time no salão do Medeirão.

7B - Na Vila Silvia, quadrilátero entre a Rua São Francisco do Vermelho e a Rua Gabiarra (enquanto não haviam casas), ficava o campo do União Vila Silvia. Tal qual o do Corinthinha tinha medidas oficiais. Basicamente formado por moradores daquela vila. Sua sede era na rua principal (Rua Quinze). Iniciada a ocupação pelos proprietários de terrenos naquele espaço, esse campo foi transferido para um espaço abaixo da linha do trem, na altura do centro da Vila Silvia;

7C - Bem atrás do Cruzeirinho (no fundo do cruzamento das ruas Economistas e Industriários), ficava o Campo do Zé Barbudo, também com medidas oficiais. Utilizava de um grande espaço desocupado, onde atuava um time conhecido como o do Zé Barbudo.

7D - Vários outros campinhos, sem as medidas oficiais, foram construídos sem a conotação de ser de um time ou de um clube definido. Totalmente para o futebol amador. Tínhamos um na Rua dos Economistas, em frente a casa do Sr. Alipio (o do Grupo Escolar), outro na frente da casa do Mané Nunes (fazia fundos com a casa do Sr. Nicolau Carvalho), um na Rua dos Bancários, em frente ao Armazém do Guilherme, e outro no espaço entre a Praça e a Rua dos Bancários (em frente a Igreja Santo Onofre). Não poderíamos deixar de citar o campinho no jardim da casa do Sr. Oscar (esquina das Rua Desenhistas com a Rua dos Horticultores). Além dos campinhos citados, também podiam ser improvisados outros campinhos em qualquer rua, já que pela ausência total de trânsito, bastavam duas pedras marcando o espaço das traves, para a prática do futebol.

8 – Acidente de trens. No dia 05 de junho de 1959, no finalzinho da tarde, aconteceu um terrível acidente ferroviário há 200 m da estação de Engenheiro

Goulart, quando 2 trens de passageiros colidiram-se frontalmente. Com 50 vítimas fatais, esse foi um dos maiores acidentes ferroviários no Brasil. Por sorte, nenhum morador do bairro sofreu qualquer dano. É que, a saída de passageiros da plataforma da nossa estação era no início dela (pra quem chegava do centro), por isso, era de costume dos nossos usuários dos trens utilizarem-se dos últimos vagões dos trens, enquanto que as pessoas afetadas estavam nos primeiros vagões.

9 - Banho em Lagoa – era comum que, nos finais de semana, vários pais acompanhassem os seus filhos para banhos numa lagoa logo abaixo do campo do Corinthinha. Aproveitavam que essa lagoa tinha águas rasas e limpas.

10 - Clube de Malha e Bocha Unidos de Engenheiro Goulart - O clube, de maneira precária, teve a sua primeira cancha construída e fundada em 21/04/1960. Estava instalada no local que seria o espaço de uma calçada da Rua dos Comerciantes que, na época, era totalmente desabitada. Depois de alguns anos, mudou-se para a Rua dos Professores, em terreno próprio e em construção apropriada, funcionando até os dias de hoje.

11 - O Primeiro armazém localizado (realmente) em Eng. Goulart (na praça) foi o do Sr. Francisco (nome verdadeiro Pranas Jasiskis) e da D. Valéria. O nome incomum do Sr. Francisco se devia ao fato dele ser Lituano.

12 – Como mencionada, a construção da Igreja Sto. Onofre se iniciou em 1958 e, consideramos como digno de menção o fato "sui generis", no período da mesma. É que, naquela mesma época, era construída a Igreja Adventista que fica ao lado. Como demonstração de civilidade, o Padre João Carlos se tornou amigo do pastor da Igreja Adventista a ponto de trocarem favores. O padre emprestava a betoneira e até alguns ajudantes para encher as lajes daquela igreja enquanto o pastor fornecia o vinho de produção própria, para as missas, sem quaisquer rivalidades.

### Pessoas bastante conhecidas por todos no bairro:

- o Sr. Nicolau, além de ter tido um armazém, durante algum tempo era quem recebia as contas de água dos moradores.

- o Sr. Prado era o massagista do bairro todo. Além disso tinha profundos conhecimentos da fabricação de linguças. Foi ele quem orientou e ajudou o Sr. Nardo na fundação e partida da fábrica de linguça do bairro.

- a Dona Judite era a mais famosa benzedeira do bairro.

- A Dona Tereza enfermeira, esposa do Sr. Maretti, era quem a todos atendia na área da saúde, desde os tempos que nem existia farmácia no bairro.

- o Sr. Nardo foi dono de um pequeno armazém num porto de areia (na várzea), acabou se tornando um dos maiores e bem sucedidos comerciantes do bairro, por fabricar Linguíça de boa qualidade.

### Outras pessoas inesquecíveis pela popularidade:

#### Zé Matarazzo:

Pessoa que, pelos percalços da vida, ficou sem ter onde morar. Conseguiu a anuência dos irmãos Ernesto e Chiquinho para morar num barraco que funcionava como vestiário do campo do Corinthinha, como se fosse um zelador. O apelido Matarazzo referia-se ao fato dele ter sido, no passado, funcionário de uma das indústrias daquela família bem como por estar sempre bem trajado (ainda que com roupas puídas) e estar sempre bem penteado.

#### Gervazio:

Rapaz elegante e sempre bem trajado. Era admirado pelo fato de ser um exímio dançarino. Nos bailes que frequentava conseguia plateia para seus passos geniais sempre que dançava com uma partner à altura.

#### Paulo Draga:

O Paulo Draga era um operador de gigantes máquinas patrol (utilizadas para a terraplanagem de terrenos). Pela sua atividade, tinha conseguido músculos como a de um super-herói ou de um atleta de primeira linha. Apesar de ser um homem bastante forte sabia-se do seu perfil gentil e de bom comportamento. Lamentavelmente sofreu um acidente com a sua máquina que lhe custou o comprometimento e alguns músculos. Por conta disso, sua massa muscular derreteu por completo.

#### Zé Barbudo,

Aficionado por futebol, eletricitista de profissão, sempre esteve a frente dos times amadores de futebol no bairro. Considerava-se dono e técnico dos vários times em diferentes épocas. Revoltava-se com seus jogadores, com os adversários e com os árbitros sempre gritando em altos brados, caso seus times não obtivessem os resultados positivos que ele queria.

Relacionado ao assunto futebol, citamos a galeria dos craques de bola:

1 - Vicão,

(Flavio) Filho do Sr. Mario e da D. Isaura muito bom de bola. Não demorou muito pelos campos do bairro. Tão logo deixou a adolescência e já deixou os times do bairro para treinar e para se profissionalizar, sendo contratado pelo Corinthians. Depois de algum tempo deixou o Corinthians e foi jogar no Volkswagen Clube, time também profissional da segunda divisão.

2 - Odair,

Apesar de morar na Vila Silvia, sempre frequentou o nosso bairro por jogar no Corinthinha. Ppor ser um craque de futebol conseguiu se profissionalizar no Linense, time do interior de São Paulo.

3 e 4 - Jonas e Marcilio,

Ambos foram craques contemporâneos na adolescência. Conseguiram, na mesma época, a oportunidade de serem atletas do São Paulo Futebol Clube. Para uma projeção, depararam-se com as dificuldades naturais nesse esporte. Mas mesmo assim conseguiram contratos do tipo passe-livre, como atletas do tricolor.

5 - Dico.

Também craque de bola. Popular e querido no bairro. Atuou sempre no esporte amador (de várzea). Mesmo sendo bom de bola, nunca conseguiu profissionalizar-se apesar de várias tentativas em clubes de ponta. Também era sempre lembrado pelas suas atitudes (engraçadas e, em muitas vezes), inusitadas em relação à vida.

Pereirinha,

Profissional de vendas, bom de papo, o Pereirinha era um homem popular e por isso, conhecido e querido por todos. Amigo para todas as horas. Infelizmente, a

exemplo do que aconteceu com o Paulo Draga, um acidente automobilístico tirou-lhe alguns movimentos e a alegria visível que tinha.

Jacy do Cavaquinho,

Profissional da musica, o Jacy tinha a admiração de todos os que o conheciam. Era o orgulho do bairro na área musical.

Mauro mudinho,

O Mauro era uma pessoa muito conhecida por todos no bairro. Pela deficiência auditiva era de difícil comunicação. Bem cuidado e educado pelos pais, era amigo de todos, porém, não muito incomum, às vezes, se tornava uma pessoa violenta.

Heitor,

Homem de grande estatura era amante dos carros, desde a sua adolescência. Sua vida eram os carros e suas mecânicas. Jamais se aproveitava de sua grande compleição física para brigas ou desavenças. Era sempre gentil. Morreu jovem fazendo o que mais gostava de fazer (num acidente de transito), dirigindo.

## COMO, QUANDO E PORQUE TUDO ACABOU:

Depois de termos lembrado uma parte de tudo o que era bom no bairro, agora é hora de avaliar o porquê tudo acabou. Para isso, teremos que voltar ao inicio desse trabalho, no capitulo que tratou da formação do bairro.

Lá registramos que, no inicio do bairro, as pessoas que pra lá foram tinham um mesmo objetivo de fixação e de morada definitiva no local.

Depois mostramos que o bairro era o fim da linha. Ou seja, não era passagem de condução (além do trem) para nenhum outro bairro.

Também que, os passageiros do trem, ao passar por Engenheiro Goulart, não enxergavam nada do bairro e nem se interessavam em conhece-lo já que não viam nenhum atrativo para visitar o bairro, afinal de contas, aquele bairro nem dispunha de outra condução para o centro, além do trem.

(repetimos que: Os passageiros dos trens que por ali passavam, ao parar na estação, tinham como visual do bairro somente um talude de aproximados 6 metros de altura (o da escadaria da estação). Ou seja, ficavam com a impressão que nem moradores havia no bairro. Como não havia iluminação das vias públicas, à noite nada se enxergava do bairro).

Entretanto, no fim dos anos 70, a prefeitura decidiu abrir passagem de Engenheiro Goulart para outros bairros, esticando a Avenida Assis Ribeiro até a Estrada de São Miguel, passando por Ermelino Matarazzo e, logo em seguida, criando um corredor de ônibus com a implantação do ônibus "Miguelão" para atender além de Engenheiro Goulart, Ermelino Matarazzo e São Miguel.

Pronto !!! Muitas e muitas pessoas daqueles bairros que usavam o Miguelão passaram e ter o visual agradável, descampado, limpo e de paz que Engenheiro Goulart oferecia.

A partir disso, os usuários do "Miguelão", moradores em São Miguel e em Ermelino perceberam que havia muitos terrenos vagos para a compra e até mesmo, em ultimo caso, para uma ocupação ilegal.

Também ficou claro para os moradores daqueles bairros que em Engenheiro Goulart teriam um acesso mais rápido para o centro. Além de algo novo, perceberam que era mais rápido chegar ao centro em, pelo menos, meia hora a menos de viagem.

Pronto, iniciou-se a visitação e o aumento da procura por casas no bairro. Salientamos que esses novos interessados em habitar no bairro não tinham o mesmo objetivo dos moradores iniciais que seria a de uma estabilidade habitacional.

Então, também por questões de boa oferta de transporte público, de repente, Engenheiro Goulart passou, a ser um local muito interessante para morar. Dai, começou a exploração e explosão imobiliária. Muitas pessoas que tinham terrenos vazios tiveram facilitadas as suas vendas, além da natural valorização dos lotes e das casas construídas, já que quanto maior era a procura maior seria o preço.

Também, para os mais desafortunados (os sem tetos) a partir dessa janela criada em 1970, esse local passou a ter facilitado o encontro de espaço para morar. Essa associação de fatos, contribuiu para a explosão demográfica do bairro. Bom para os que chegavam e ruim para os que ali já estavam.

Mesmo entendendo que todos merecem e precisam de um teto, essa nova situação resultou na construção de muitos barracos do dia para a noite e uma multidão de pessoas sem o objetivo da Amizade, Segurança e Respeito pra lá se mudaram.

Para os antigos moradores de Engenheiro Goulart restou aceitar que toda poesia do local, à partir de 1970, foi-se acabando em benefício dos novos moradores. Simples assim !

## Final / Agradecimentos

Apesar e ser um trabalho simples, é claro que ninguém seria capaz de fazê-lo sem a ajuda de outras pessoas. Por isso, preciso agradecer por todas as contribuições recebidas dos seguintes pioneiros, meus amigos e amigos do bairro, a seguir:

Djalma de Medeiros, Alzira Fatima Lopes, Maria Zilda Arruda, Marcilio de Oliveira, Francisco Reginaldo Rodrigues.

Nós nos esforçamos em ser essa narrativa a mais fiel possível à verdade. Porém, é admissível termos sido traídos pela memória (tanto a minha como a de algum dos colaboradores citados), de qualquer forma, antecipo pedidos de desculpas por possíveis falhas e solicito que, nos casos onde se verificarem necessárias correções ou complemento de informações, que elas cheguem até nos. Continuarão sendo bemvindas no e-mail [pinedanac@yahoo.com.br](mailto:pinedanac@yahoo.com.br), diretamente ao Dinho.

Finalizamos lamentando pela partida de muitos dos aqui citados e, aos seus familiares, o nosso respeito, nossa saudade e nossa solidariedade. Temos a certeza de que eles, ao chegarem no Paraíso, não estranharam muito a "vida" por lá. Certamente, ela se parece com a do Engenheiro Goulart antigo.

Abraços a todos,

Dinho